



ANALISANDO GÊNEROS DISCURSIVOS DA ESFERA JORNALÍSTICA SEGUNDO A TEORIA DE BAKHTIN: EM FOCO O GÊNERO REPORTAGEM

Tatiana Fasolo BILHAR*

RESUMO

Comunicar-se é uma atividade inerente ao ser humano. Interagimos com os demais o tempo todo e, muitas vezes, o fazemos por meio da linguagem verbal, da língua. A interação é, assim, a base existencial da língua, cujo emprego, segundo Bakhtin (2011 [1979]) se dá por enunciados proferidos pelos integrantes dos diversos campos da atividade humana. Tais enunciados, considerados relativamente estáveis, compõem-se de conteúdo temático, estilo e construção composicional, os quais estão intrinsecamente ligados, e são definidos pela esfera de produção, materializando-se nos gêneros do discurso. A esfera jornalística também produz seus gêneros discursivos. Marques de Melo (2003) aponta que os gêneros jornalísticos têm como função principal levar a conhecimento público e comentar acontecimentos sociais diversos. Em outras palavras, para o autor os gêneros dessa esfera dividem-se em informativos e opinativos. Entre os gêneros jornalísticos cuja função é a de informar, encontra-se a reportagem – gênero bastante comum em nossa sociedade. Assim, esta pesquisa, cujo referencial teórico se pauta, principalmente, em Bakhtin (2011 [1979]), Bakhtin/Volochinov (2014 [1929]) e Marques de Melo (2003), buscou analisar o gênero discursivo reportagem impressa, caracterizando seus elementos constitutivos – conteúdo temático, estilo e construção composicional. Para tal, a metodologia, além de revisão bibliográfica, incluiu a análise de um texto do gênero. Como resultado observamos que a reportagem tem a função de contextualizar e aprofundar fatos que já estão repercutindo na sociedade, trata-se de um gênero com estilo menos rígido, que possibilita maior liberdade ao produtor nas escolhas linguísticas, e apresenta uma aproximação com a esfera literária.

PALAVRAS-CHAVE

Gêneros discursivos, Gêneros jornalísticos, Reportagem.

*Jornalista, graduada em Letras, especialista em Docência do Ensino Superior pelo Centro Universitário FAG e mestranda em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná. E-mail: tatianabilhar@gmail.com

INTRODUÇÃO

A comunicação é uma atividade inerente ao ser humano. Os homens interagem entre si e o fazem por meio da linguagem, muitas vezes pela linguagem verbal. A língua, nesse contexto, é entendida como um fenômeno vivo, social, carregado de ideologias. Ela é dinâmica, instável, fluida e, por estar em uso constante, se modifica por causa desse uso, constituindo-se no próprio lugar da interação (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2014 [1929]).

A interação, nesse contexto, é a base existencial da língua, cujo emprego sempre ocorrerá através de enunciados que são, conforme Bakhtin/Volochinov (2014 [1929]), as unidades reais da comunicação discursiva. É por meio de enunciados que nos dirigimos ao outro, pressupomos respostas, enfim, fazemos uso da língua para estabelecer e concretizar o contato com o outro.

Segundo Bakhtin (2011 [1979]), o emprego da língua se dá por meio de enunciados (orais ou escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes dos vários campos da atividade humana, tais enunciados são denominados de gêneros do discurso.

Cada esfera de atividade humana, segundo Bakhtin (2011 [1979]), elabora seus gêneros discursivos, os quais apresentam três elementos em comum: conteúdo temático, construção composicional e estilo.

A esfera jornalística é uma delas. Os gêneros dessa esfera são divididos, segundo a classificação de Marques de Melo (2003), em informativos e opinativos. Entre os gêneros informativos, estão a nota, a notícia, a reportagem e a entrevista.

Assim, esta pesquisa buscou analisar o gênero discursivo reportagem (texto escrito e não radiofônico ou televisivo), observando seus elementos constitutivos segundo Bakhtin (2011 [1979]), quais sejam conteúdo temático, estilo e construção composicional.

OS GÊNEROS DO DISCURSO

Comunicar-se é uma atividade inerente ao ser humano. Bordenave (2005) esclarece que se trata de “um produto funcional da necessidade humana de expressão e relacionamento” que serve para que “as pessoas se relacionem entre si, transformando-se mutuamente e à realidade que as rodeia” (BORDENAVE, 2005, p.36). Os homens interagem entre si e o fazem por meio da linguagem, que se torna o próprio lugar de interação.

Nossa sociedade se estrutura a partir da interação que ocorre entre os sujeitos. Todos os seres humanos se comunicam e, muitas vezes, o fazem por meio da linguagem verbal (oral ou escrita), ou seja, da língua. Assim, como “o emprego da língua efetua-se em enunciados (orais ou escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana” (BAKHTIN, 2011 [1979], p. 261), concluímos que é pelos enunciados que os sujeitos interagem e dialogam. Proferimos, ou fazemos circular, um número infinito de enunciados diariamente. E, nesse sentido, Bakhtin afirma:

[...] cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso* (BAKHTIN, 2011, p. 262, grifos do autor).

Infere-se, então, que cada esfera de atividade humana – jornalística, publicitária, familiar, jurídica, religiosa etc. – organiza, produz, sistematiza ‘modelos’ de textos aos quais seus integrantes recorrem ao organizarem seu discurso em forma de enunciados. Esses modelos ou “tipos relativamente estáveis” foram denominados por Bakhtin (2011 [1979]) de “gêneros do discurso”.

Os gêneros são, sob essa perspectiva teórica, construtos históricos que apreendemos no decorrer de nossa vida, a partir dos diferentes usos que fazemos da linguagem: ora moldamos nosso discurso em um gênero, ora moldamos em outro. O que determina a configuração do enunciado em determinado gênero é o propósito discursivo: o que dizer, a quem, por que, quando e em que contexto.

De acordo com Bakhtin (2011 [1979]), os gêneros compõem-se de três elementos intrinsecamente ligados: conteúdo temático, estilo e construção composicional, que são definidos pela esfera da atividade humana a que o gênero pertence. O autor explica que

Todos esses três elementos – o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – estão indissolivelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação (BAKHTIN, 2011, p. 261/262).

Rojo (2005) retoma cada um desses elementos e assim os define: o conteúdo temático, ou temas, segundo a autora, diz respeito aos “conteúdos ideologicamente conformados – que se tornam comunicáveis (dizíveis) através do gênero”; a construção composicional, por sua vez, trata dos “elementos das estruturas comunicativas e semióticas compartilhadas pelos textos pertencentes ao gênero”; e o estilo reúne “as configurações específicas das unidades de

linguagem, traços da posição enunciativa do locutor e da forma composicional do gênero” (ROJO, 2005, p. 196).

Cada gênero, assim, reflete as condições específicas e as finalidades da esfera que o produziu e apresenta conteúdo temático (sobre o que se fala), estilo (recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais utilizados) e construção composicional (a forma de apresentação, a configuração de cada gênero).

A esse respeito, Rodrigues (2011) aponta para a existência de uma dimensão social do gênero, que diz respeito à função social do gênero e às especificidades da situação de produção, e de uma dimensão verbal, própria da materialidade linguística, donde se analisam conteúdo temático – que existe em estreita relação com a dimensão social do gênero –, estilo e construção composicional.

Os gêneros são inúmeros e podem ser divididos, de acordo com seu grau de complexidade, em primários e secundários. Sobre essa diversidade e categorização, Bakhtin esclarece:

Não se deve, de modo algum, minimizar a extrema heterogeneidade dos gêneros discursivos e a dificuldade daí advinda de definir a natureza geral do enunciado. Aqui é de especial importância atentar para a diferença essencial entre os gêneros discursivos primários (simples) e secundários (complexos) – não se trata de uma diferença funcional. Os gêneros discursivos secundários (complexos – romances, dramas, pesquisas científicas de toda espécie, os grandes gêneros publicísticos, etc.) surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado (predominantemente o escrito) – artístico, científico, sociopolítico, etc. No processo de sua formação eles incorporam e reelaboram diversos gêneros primários (simples), que se formaram nas condições da comunicação discursiva imediata (BAKHTIN, 2011 [1979], p. 263).

Entendemos, pelas palavras do autor, que a análise dos gêneros presentes em uma sociedade nos permite compreendê-la melhor. Os gêneros primários são aqueles produzidos nas situações corriqueiras de comunicação, de menor planejamento, com predominância na oralidade. Já os secundários, surgem da necessidade de organizarmos nosso discurso mais detidamente, em situações como fazer um requerimento, uma petição, escrever uma reportagem, dar uma palestra, redigir um romance – todas situações que aparecem em sociedades culturalmente mais desenvolvidas. Ainda, à medida que a sociedade se transforma, isso se reflete diretamente nos gêneros produzidos: o surgimento da internet, por exemplo, propiciou a transformação e o surgimento de diversos novos gêneros discursivos.

Assim, os gêneros são de grande importância porque refletem a organização da sociedade. Logo, nas palavras de Marcuschi, são “fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social” (MARCUSCHI, 2010, p. 19). São, em outras palavras, “correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem” (BAKHTIN, 2011 [1979], p. 268).

GÊNEROS DA ESFERA JORNALÍSTICA: EM FOCO A REPORTAGEM

Entre as numerosas esferas de atividade humana que produzem seus gêneros discursivos próprios, está a esfera jornalística, a qual busca, principalmente, levar a conhecimento público acontecimentos sociais diversos. Sousa (2005) explica que a atividade jornalística é uma forma de comunicação que tem como principal função social informar sobre todos os acontecimentos, questões úteis e problemáticas que são relevantes à sociedade (noticiar acidentes, casos de polícia, moda, comportamento, economia, informação de serviços, entre outros).

Essa esfera apresenta, assim, diversos gêneros discursivos próprios (notícia, entrevista, editorial, artigo de opinião, charge etc.), além de outros que circulam nos jornais e revistas, mas que não são próprios da esfera (horóscopo, anúncios etc.).

Embora seja difícil precisar todos os gêneros da esfera jornalística, uma vez que os gêneros são relativamente estáveis (BAKHTIN, 2011 [1979]), transformando-se conforme a dinâmica da sociedade – pesquisadores brasileiros têm buscado determinar os principais gêneros que ocorrem em nossa imprensa.

Uma das mais conhecidas e aceitas é a classificação proposta por Marques de Melo (2003), que dividiu os gêneros do jornalismo impresso, de acordo com a intencionalidade determinante dos relatos, em duas categorias: uma cujo objetivo é o de reproduzir o real; e outra, o de ler o real. Temos, segundo o autor, que a função social dessas categorias são distintas: uma visa informar a população sobre os acontecimentos e a outra, apresentar opiniões sobre eles¹.

As categorias são, respectivamente, o jornalismo informativo e o opinativo e, dentro de cada uma, o autor identificou os gêneros. Como gêneros da categoria opinativa, Marques de Melo (2003) inclui o editorial, o comentário, o artigo, a resenha, a coluna, a crônica, a caricatura e a carta. Já na categoria do jornalismo informativo estão a nota, a notícia, a reportagem e a entrevista.

¹ A ideia de reprodução do real, que Marques de Melo atribui aos gêneros informativos é, hoje em dia, amplamente questionada. Sabemos que a linguagem não é neutra, logo a objetividade que faria desses textos espelhos do real é impossível. Dessa forma, mesmo os gêneros pertencentes à categoria informativa também apresentam opinião e fazem uma leitura do real. Contudo, nos ateremos à classificação de Marques de Melo para esta análise, considerando que nos gêneros informativos busca-se, principalmente, informar.

O gênero reportagem, na literatura, costuma ser explicado em relação com o gênero notícia. Assim, segundo Marques de Melo (2003), notícia e reportagem se diferenciam, basicamente, devido à progressão dos acontecimentos: “A notícia é o relato integral de um fato que já eclodiu no organismo social. A reportagem é o relato ampliado de um acontecimento que já repercutiu no organismo social” (MARQUES DE MELO, 2003, p. 65).

Ou seja, o gênero notícia ocupa-se de contar fatos, é o anúncio da novidade. A reportagem, por sua vez, segundo Marques de Melo (2003), também possui caráter informativo, mas é um relato jornalístico mais aprofundado, que busca contextualizar um fato, expor causas e consequências, ir além do fato, ser mais abrangente.

Em consonância, Corrêa aponta que a reportagem “é um relato jornalístico temático, focal, envolvente e de interesse atual, que aprofunda a investigação sobre fatos e seus agentes” (CORRÊA apud PENA, 2005, p. 75).

Voltando-nos, então, aos elementos constitutivos do gênero segundo Bakhtin (2011), temos que, quanto ao conteúdo temático, a reportagem lida com assuntos sobre fatos.

(...) a reportagem não cuida da cobertura de um fato ou de uma série de fatos, mas do levantamento de um assunto conforme ângulo preestabelecido. Noticia-se que um governo foi deposto; fazem-se reportagens sobre a crise político-institucional, social, sobre a reconfiguração das relações internacionais determinada pela substituição do governante, sobre a conspiração que levou ao golpe, sobre um ou vários personagens envolvidos no episódio etc. (LAGE, 2000, p. 46-47).

Assim, a reportagem não se preocupa em anunciar a novidade, logo o fator tempo não lhe é determinante como nas notícias – fato pelo qual costuma ser um gênero muito comum em revistas e outros veículos que não apresentam periodicidade diária².

Aqui, talvez, um aspecto importante a diferenciar notícia de reportagem: a questão da atualidade. Embora a reportagem não prescindir de atualidade, esta não terá o mesmo caráter imediato que determina a notícia, na medida em que a função do texto é diversa: a reportagem oferece detalhamento e contextualização àquilo que já foi anunciado, mesmo que seu teor seja predominantemente informativo. (FERRARI; SODRÉ, 1986, p. 18)

A reportagem, dessa forma, vai analisar e detalhar a repercussão do fato, contextualizá-lo, ir além dele, aprofundá-lo.

² Hoje em dia mesmo os jornais impressos, dada a crise que enfrentam como consequência do desenvolvimento do jornalismo online, fazem maior uso do gênero reportagem como forma de oferecer um conteúdo diferenciado, mais aprofundado, a seus leitores.

Quanto ao estilo, Lage (2000) explica que o estilo da reportagem é menos rígido que o da notícia. As notícias tendem a ser mais objetivas, com menos adjetivos, com as informações escritas em ordem decrescente de importância – modelo conhecido como pirâmide invertida. Já a reportagem não precisa seguir tal modelo, podendo também “narrar a história, como um conto ou fragmento de romance”. (LAGE, 2000, p. 47)

O gênero reportagem, portanto, permite maior liberdade na escolha da linguagem. “A reportagem procura envolver, usa a criatividade como recurso para seduzir o leitor” (CORRÊA *apud* PENA, 2005, p. 76). Os títulos das reportagens, por exemplo, não prescindem de um verbo de ação, como nas notícias, de forma que podem ser mais criativos e até poéticos.

Nesse sentido, Ferrari e Sodré (1986) consideram a reportagem como a forma-narrativa por excelência do veículo impresso e assinalam como características desse gênero a predominância da forma narrativa, a humanização do relato e o texto de natureza impressionista.

Sem um “quem” e um “o quê”, não se pode narrar. Na reportagem, estes dois elementos têm de existir, mas têm, sobretudo, de despertar interesse humano – ou não serão suficientes para sustentar a problemática narrativa. (FERRARI; SODRÉ, 1986, p. 14)

Com relação à construção composicional, as reportagens, cujo texto pode ou não ser dividido em colunas, podem apresentar diversos elementos gráficos: chapéu (elemento verbal sucinto que precede o título e serve para antecipar e territorializar a informação central do texto), subtítulo (também chamado de linha-fina, é uma frase que complementa o título, acrescentando-lhe informações, e vem logo abaixo deste, antes do texto em si), olho (títulos auxiliares ou pequenas frases postas no meio do texto cujo objetivo é destacar aspectos relevantes da matéria), foto, legenda (texto que complementa a foto, acrescentando-lhe informações que permitem ao leitor entender ou avaliar o que está vendo), texto-legenda (legenda seguida de informações que lhe permitem ter existência independente da notícia), gráfico, box (caixa de texto que traz informações complementares ao assunto discutido no texto principal) e assinatura (nome do(s) autor(es) do texto)³. O uso desses elementos varia conforme o veículo, o público ao qual se destinam, o conteúdo a ser apresentado etc.

Buscando observar os elementos constitutivos do gênero reportagem, comparando a literatura da área com um exemplo real do gênero, analisamos a seguir, então, a reportagem intitulada “*Que morte linda*”, escrita pelo jornalista Paulo Moreira Leite e publicada na edição 609 da Revista Época.

³ Os conceitos apresentados foram obtidos no “Guia para edição jornalística”, de Pereira Junior (2006); e no “Manual de Redação e Estilo – O Globo”, do ano de 2001.

ANALISANDO UM EXEMPLO DE TEXTO DO GÊNERO

O texto analisado é um exemplo do gênero reportagem e foi motivado pela morte da médica Zilda Arns no terremoto do Haiti. A matéria foi publicada na edição de 18 de janeiro de 2010, seis dias após o terremoto.

O conteúdo não está voltado para o anúncio da morte de Zilda Arns, uma vez que, àquela data, a imprensa diária já havia noticiado largamente o fato. A matéria conta a história da médica, fundadora da Pastoral da Criança. O texto foi motivado pelo fato, sua morte, mas não se detém em anunciar o falecimento, busca retratar quem foi Zilda Arns, contando as obras por ela realizadas, como foi recebida a notícia de sua morte por familiares e explicando o que é e como foi fundada a Pastoral da Criança. Trata-se, conforme Ferrari e Sodré (1986) de aprofundar e contextualizar um fato. O conteúdo temático, portanto, diz respeito à memória da médica, e à importância do legado que ela nos deixou.

A reportagem da Revista Época ocupa um total de seis páginas e apresenta o texto dividido em colunas e entremeado por elementos gráficos como chapéu, assinatura, fotos, legendas e textos-legendas – elementos próprios da construção composicional deste gênero discursivo quando apresentado em suporte impresso.

. O estilo apresentado é muito próximo de uma narrativa, fugindo do modelo mais impessoal aplicado às notícias e confirmando a menor rigidez na escolha dos recursos linguísticos que o autor de uma reportagem goza.

Antes do início do texto está o chapéu: *Zilda Arns 1934-2010*, anunciando o tema da matéria. Depois, demonstrando a liberdade na linguagem que é própria do gênero, não apresenta verbo no título: *“Que morte linda”*. E traz o seguinte subtítulo: *Foi assim que, sem esconder a tristeza, o cardeal Paulo Evaristo Arns definiu a morte de sua irmã Zilda Arns, em meio a mais uma de suas missões humanitárias.*

O título, neste caso, não é suficiente para explicar o assunto sobre o qual a reportagem versa, dependendo de um subtítulo com mais informações para esclarecer o leitor. É, contudo, um título de caráter mais poético, que busca a humanização do relato, tal qual apontada por Ferrari e Sodré (1986).

O primeiro parágrafo da reportagem inicia narrando a forma como o irmão da médica recebeu a notícia de sua morte.

Na residência em Taboão da Serra, onde passa o dia em leitura, recebe raríssimas visitas e tem o coração monitorado por um marca-passo, o cardeal

emérito Paulo Evaristo Arns ouviu a notícia de forma cuidadosa: sua irmã Zilda Arns acabara de morrer, vítima de um terremoto de proporções até então desconhecidas que ocorrera no Haiti. A morte fora confirmada poucos momentos antes, por Gilberto Carvalho, o secretário pessoal do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que se encarregou de transmitir a informação à cúpula da Igreja Católica. “Que morte linda”, reagiu o cardeal, sem esconder a tristeza, conforme um amigo da família. (LEITE, 2010, p. 80)

O trecho contém várias informações: a médica faleceu, o gabinete do presidente à época confirmou o fato, a cúpula da Igreja Católica foi comunicada a respeito, onde o irmão dela vive sua condição de saúde e sua vida reclusa, a maneira como ele recebeu a notícia da morte da irmã. Esse parágrafo apresenta caráter predominantemente informativo, mas não apresenta as informações segundo o modelo da pirâmide invertida, no qual as notícias costumam ser escritas. Infere-se a busca pela humanização do relato, a construção de uma personagem que possa ilustrar esse tom impressionista necessário à reportagem e que se dá por meio da figura do cardeal.

Na sequência, o autor nos apresenta uma descrição da médica que, mais uma vez, reflete a possibilidade de uma linguagem menos rígida do que a notícia para o gênero reportagem.

Habitante deste indispensável universo de homens e mulheres capazes de sacrificar o conforto pessoal para dedicar uma vida inteira àquilo que a experiência humana define como “bem-estar do próximo” e dessa maneira conquistar um lugar na história de um povo inteiro, Zilda Arns Neumann morreu como viveu nos últimos 27 anos – desde que colocou de pé a Pastoral da Criança, entidade que mobiliza 260 mil voluntários em 80% dos municípios brasileiros para atender 95 mil gestantes e 1,8 milhão de meninos e meninas que sobrevivem abaixo da linha da pobreza. (LEITE, 2010, p. 82)

O trecho também traz várias informações: a médica fundou a Pastoral da Criança, o tempo de sua vida que Zilda dedicou para projetos sociais, informações e números sobre a Pastoral. Mas, a linguagem utilizada para falar sobre a médica cria caracterizações mais próximas da esfera literária e expressa um posicionamento bastante favorável à Zilda Arns, fugindo da objetividade que pretendem os textos do gênero notícia.

O texto da reportagem apresenta, ainda, muitos adjetivos e advérbios e a predominância de verbos em tempos como pretérito perfeito, pretérito imperfeito, pretérito mais-que-perfeito e futuro do pretérito do modo indicativo – tempos verbais que, de acordo com Koch (2009), pertencem ao mundo do narrar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A língua é o lugar da interação verbal dos falantes, os quais interagem uns com os outros por meio de enunciados concretos e únicos que conformam o discurso dos diversos campos da atividade humana.

Cada uma dessas esferas de atividade, conforme Bakhtin (2011 [1979]), cria, assim, seus tipos relativamente estáveis de enunciados, também chamados gêneros discursivos.

Entre tais esferas, encontra-se a jornalística, de grande importância em nossa sociedade dado que é, majoritariamente, por meio de exemplos de seus gêneros que tomamos conhecimento dos fatos em nossa sociedade.

O gênero reportagem, muito comum em nossa sociedade, é um dos gêneros pertencentes à esfera jornalística e, segundo Marques de Melo (2003), têm a função social de informar, com mais profundidade do que a notícia, sobre fatos sociais relevantes à comunidade.

Assim, esta pesquisa buscou, por meio de revisão bibliográfica e de uma análise qualitativa e interpretativista, observar as características dos três elementos do gênero reportagem, comparando o que diz a literatura com o que se encontra materializado em um texto, exemplo do gênero.

Nossa análise permitiu verificar que a função social do gênero reportagem, bem como seu conteúdo temático, é distinto do das notícias. A reportagem se ocupa de assuntos diversos sobre fatos que estão repercutindo no organismo social, ela aprofunda algum aspecto de um fato. O texto analisado, por exemplo, não versava sobre a morte de Zilda Arns, mas sobre sua vida e seu legado, com um conteúdo temático diretamente relacionado ao contexto histórico-social em que o fato aconteceu e suas consequências.

Sobre a construção composicional, os textos do gênero reportagem costumam apresentar diversos outros elementos além do texto propriamente dito, tais como fotos, legendas, boxes etc.

Por fim, o estilo desse gênero, ao contrário do dos demais da categoria informativa, não segue o padrão de busca pela objetividade, com exclusão de adjetivos, advérbios, opinião apenas na fala das fontes, informações dispostas em ordem decrescente de importância. Observamos o uso abundante de adjetivos e advérbios e de tempos verbais próprios do narrar.

Os textos do gênero reportagem não informam fatos novos. Sua função é contextualizar e aprofundar fatos que já estão repercutindo na sociedade. Eles trazem assuntos a partir de fatos e discorrem sobre eles de acordo com um enfoque pré-estabelecido. Sua linguagem é menos rígida que a das notícias, possibilitando o uso de elementos como metáforas e adjetivos. Trata-se de um gênero

com estilo menos rígido, com maior liberdade do produtor nas escolhas linguísticas, e uma aproximação com o estilo de gêneros da esfera literária.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011 [1979].

_____; VOLOCHINOV. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2014 [1929].

BORDENAVE, Juan Diaz. **O que é comunicação**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

FERRARI, Maria Helena; SODRÉ, Muniz. **Técnica de Reportagem: notas sobre a narrativa jornalística**. São Paulo: Summus, 1986.

KOCH, Ingedore Vilaça. **A coesão textual**. São Paulo: Contexto, 2009.

LAGE, Nison. **A estrutura da notícia**. São Paulo: Ática, 2000.

LEITE, Paulo Moreira. “Que morte linda”. **Época**, edição nº 609, p. 80-85, 18 jan. 2010.

MARCUSCHI, Luiz. Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs). **Gêneros textuais & ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. p. 19-38.

MARQUES DE MELO, José. **Jornalismo Opinitivo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. São Paulo: Mantiqueira, 2003.

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2005.

PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa. **Guia para a edição jornalística**. São Paulo: Vozes, 2006.

RODRIGUES, Rosângela Hammes. **A Constituição e o Funcionamento do Gênero Jornalístico Artigo: Cronotopo e Dialogismo**. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem – LAEL – PUCSP). São Paulo: PUCSP, 2001.

ROJO, Roxane. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Org.). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 184-207.

SOUSA, Jorge Pedro. **Elementos de jornalismo impresso**. Florianópolis: Letras contemporâneas, 2005.

ANALYZING DISCOURSE GENRES OF JOURNALISTIC SPHERE
ACCORDING TO THE THEORY OF BAKHTIN: IN FOCUS THE GENRE
REPORTAGE

ABSTRACT: Communicating is an activity inherent in human beings. We interact with others all the time and often we do it through verbal language. The interaction is, therefore, the existential basis of language, the use of which, according to Bakhtin (2011 [1979]), happens through statements produced by members of the various fields of human activity. Such statements are considered relatively stable and consist of thematic content, style and compositional construction, elements that are intrinsically linked, and are defined by its sphere of production, materializing in the discourse genres. The journalistic sphere also produces its genres. Marques de Melo (2003) claims that the journalistic genres have the main function of leading to public knowledge social events and facts and also comment them. In other words, to the author, the genres of this sphere are divided into informative and opinionated genres. Among journalistic genres whose function is to inform, it is the reportage – a quite common genre in our society. Thus, this research, that presents a theoretical support based primarily in Bakhtin (2011 [1979]), Bakhtin / Volochinov (2014 [1929]) and Marques de Melo (2003), intends to analyze the genre reportage, featuring its elements - thematic content, style and compositional construction. To this end, the methodology, in addition to literature review, included the analysis of in example of the genre reportage. As a result we realized that the reportage has the social function of contextualizing and deepening facts that are already reverberating in society, it is a less rigid style genre, which allows greater freedom to the producer in the language choices, and presents an approach to the literary sphere.

KEY-WORDS: Discourse genres, Journalistic Genres, Reportage.